

## 5

### Aquisição de complementos pronominais

A aquisição de pronomes sujeito tem sido um tópico bastante estudado na literatura, especialmente no que concerne às diferenças entre línguas que admitem a omissão do sujeito (línguas *pro-drop*) e línguas que não permitem o sujeito nulo (*não-pro-drop*). Esses estudos se desenvolveram, sobretudo, no âmbito da Teoria Gerativa durante os anos 80, período durante o qual o estudo da AL foi formulado em termos da fixação de parâmetros (Corrêa, 1999).

Todavia, a bibliografia sobre aquisição de complementos pronominais objeto é comparativamente pequena (Stiasny, 2006) e apresenta uma certa homogeneidade, no sentido de que, na sua grande maioria, trata-se de estudos baseados na análise de dados de coletas longitudinais; isto é, estuda-se predominantemente a produção das crianças. Neste capítulo fornecemos uma breve revisão dessa literatura, levantando os principais tópicos pesquisados em diversas línguas, mas dando especial atenção aos estudos conduzidos no PB e no ES. Existem ainda alguns trabalhos que abordam questões muito específicas os quais não serão abordados nesta revisão: aquisição do princípio B da ligação (Baauw, et ali 1997), duplicação de clíticos (Torrens & Wexler, 2000), dentre outros.

Como já foi avançado na Introdução desta dissertação não temos conhecimento de nenhum trabalho que aborde o problema da aquisição dos complementos pronominais da perspectiva da compreensão da criança e, menos ainda, de propostas que forneçam evidências pertinentes à percepção dos mesmos. Cumpre salientar que existe uma literatura da década de 80 que aborda o tema da compreensão de formas pronominais, no contexto da verificação do quanto o princípio B da Teoria da Ligação<sup>27</sup> estaria ativo na gramática inicial das crianças. Esse ponto não é, contudo, o alvo do presente estudo.

---

<sup>27</sup> A *Teoria da Ligação*, tal como definida no contexto do modelo de Princípios & Parâmetros (Chomsky, 1981), envolve os princípios em (1) e as definições auxiliares em (2) e (3) (Hornstein, Nunes & Grohmann, 2004):

(1)

- (i) Princípio **A**: Uma anáfora (ex. um pronome reflexivo ou recíproco) deve estar ligada no seu domínio.
- (ii) Princípio **B**: Um pronome deve estar livre (não ligado) no seu domínio.
- (iii) Princípio **C**: Uma expressão-R(eferencial) (Ex. um nome) deve estar livre (sempre).

(2) *Dominio*

$\alpha$  é o domínio de  $\beta$  se e somente se  $\beta$  é o IP (TP) mínimo que contém  $\beta$  e o regente de  $\beta$ .

## 5.1

### Aquisição de complementos pronominais em diferentes línguas

A literatura sobre aquisição de clíticos pronominais informa que no período compreendido entre o 1;8<sup>28</sup> e os 2;9 as crianças alcançam habilidades semelhantes às dos adultos na produção desses elementos. Há, não obstante, algumas diferenças particulares no que diz respeito à língua em aquisição. Stiasny (2006) afirma que crianças adquirindo o ES alcançam um nível de domínio equivalente ao adulto por volta dos dois anos (2;1) enquanto que crianças falantes de Croata atingem esse mesmo ponto um pouco depois (com 2;9).

Dados do Warlpiri, uma língua na qual o local para os clíticos é -como no Croata- a segunda posição na frase entonacional, mostram que os primeiros clíticos pronominais aparecem na fala da criança em torno dos 2;0, mas unicamente em frases do tipo imperativo que parecem ser processadas como uma unidade. É registrada maior variabilidade depois dos 2;8 (Stiasny, 2006).

Já no Francês, que apresenta clíticos pronominais sujeito e objeto, é reportado que os primeiros emergem bastante antes do que os segundos (2;3 para os clíticos sujeito e 3;0 para os objeto). Somente os clíticos objeto de terceira pessoa *le(s)/la* e o reflexivo *se* aparecem na fala da criança precocemente (a partir dos 2;4). Os clíticos dativos parecem ser dominados mais tardiamente nessa língua do que os acusativos. Tem sido sugerido (Weissenborn et al, 1990, In: Stiasny, 2006) que essa aquisição tardia dos dativos no Francês pode estar vinculada à ambigüidade da forma (clítico *lui* e não clítico *à lui*) assim como à interferência do sistema de determinantes que incluem as mesmas formas como clíticos acusativos.

O sistema de clíticos do Grego moderno apresenta distinções de gênero, número e caso para cada pessoa, podendo aparecer em configurações de ênclise e de próclise. Há evidências de que (Stephany, 1997) por volta do 1;10 as crianças começam a utilizar o clítico de terceira pessoa singular neutro acusativo de forma produtiva com as formas verbais imperativas, assim como o clítico de primeira pessoa do singular genitivo para se referir a si mesmos. Por volta dos 2;4 emerge o contraste entre as formas singulares e plurais para a terceira pessoa e o contraste

---

<sup>28</sup> O primeiro número se refere a idade (em anos) e o segundo, após o ponto e vírgula, faz referência a meses.

geral entre acusativo e genitivo. Com 2;0 as crianças começam a marcar gênero para a terceira pessoa (Stephany, 1997).

Marinis (2000) analisa os dados de cinco crianças adquirindo o Grego entre os 1;7 e os 2;9. O autor informa que entre 1;9 e 2;1 emerge simultaneamente o uso de clíticos na posição pré e pós-verbal e que não são registrados erros de colocação nesta fase. As crianças parecem obedecer aos mesmos princípios da gramática adulta na colocação dos clíticos desde muito cedo. Já dados do dialeto chipriota mostram que as crianças por volta dos 2;8 anos de idade apresentam uma taxa alta (66%) de realização de próclise em contextos não permitidos pela gramática adulta. Não obstante, a partir dos 3;0 essa taxa cai drasticamente (0-12%). Além disso, a amostra analisada é pequena (dados de 5 crianças), fato que pode ter influenciado esses dados discordantes do observado em outras línguas (como o próprio Grego Moderno Standard, o PE e o ES).

## 5.2

### Aquisição de complementos pronominais no Português

A literatura sobre aquisição de complementos pronominais no PB reflete as peculiaridades da língua. Nesse sentido, enquanto para o ES a bibliografia limita-se principalmente a estudar a emergência dos clíticos na fala da criança, no caso do PB outros tópicos são abordados. Dentre eles, o mais destacado leva em conta a relevância das pistas semânticas na aquisição dos OD. Contudo, se a bibliografia no caso do ES é reduzida, para o PB é ainda mais restrita.

#### 5.2.1

### Animacidade e aquisição de complementos pronominais no PB

No que concerne à aquisição de complementos pronominais no PB, Lopes e Cyrino (2004) consideram *animacidade* como uma pista que pode orientar a criança durante esse processo. Observou-se no capítulo 3 desta dissertação que o PB admite objetos nulos em determinados contextos, ocorrendo principalmente com antecedentes [-animados] e também [-específicos]. Lopes e Cyrino (2004), fornecem os exemplos abaixo:

(57)

a. O Emilio perdeu [a carteira] e não consegue achar Ø/?ela em lugar nenhum.

- b. A Clara não quer que [o filho] veja TV, então ela sempre leva \*Ø/ele no parquinho.
- c. O policial insultou [o preso] antes de torturar \*Ø/ele.
- d. O policial insulta [presos] antes de torturar Ø/?eles.

Cyrino (1994/1997) considera que o objeto nulo é resultado de elipse do VP. Essa autora propõe que tem acontecido uma mudança diacrônica segundo a qual as crianças estenderam a possibilidade de elipse em estruturas com clíticos neutros para outras estruturas similares –estruturas nas quais o clítico também tem um traço [-animado]– e assim essa análise foi estendida para clíticos com traço [-específico].

Lopes e Cyrino (2004) consideram que, se o traço de animacidade foi relevante para essa mudança sintática, então esse traço poderia ter um papel na aquisição dos objetos pronominais do PB.

Na sua análise, as autoras recuperam hierarquia de referencialidade proposta por Cyrino, Duarte & Kato (2000) que foi descrita no capítulo 3 desta dissertação (cf. item 3.3.2). Com base nessa hierarquia Lopes e Cyrino (2004) afirmam que as línguas podem variar na realização dos pronomes. Se o *input* apresenta pronomes (ou clíticos) na posição mais baixa da hierarquia a criança no processo de aquisição vai considerar esse elemento como um pronome fraco. Já se o *input* apresenta objetos nulos para entidades referenciais, entidades [-animadas] como no PB, então a criança assumirá que todas as posições mais baixas podem ser nulas. Nas línguas que apresentam a opção entre categorias nulas e plenas um dos fatores que influenciam a eleição é a propriedade de [+/-] animacidade do antecedente.

As autoras analisam dados da fala espontânea de duas crianças acompanhadas entre os 1;9-2;8 e os 1;8-3;7, respectivamente. Os resultados da coleta longitudinal apontam para os seguintes fatos:

- A hipótese da hierarquia referencial parece operar durante a aquisição;
- Há uma tendência de associar o traço [- animado] aos objetos nulos;

Esses resultados sugerem que pistas semânticas podem ser relevantes para teorias da aquisição. As autoras apontam ainda que, se traços semânticos são interpretáveis em LF, de acordo com os dados apresentados LF tem um papel importante na aquisição, possivelmente em correlação com PF.

Casagrande (2006) visa a pesquisar a aquisição do OD anafórico no PB com base em dados da fala espontânea de 3 crianças adquirindo essa língua. A autora

informa uma porcentagem alta de ocorrência de objeto nulo nos dados analisados (95-97%). As maiores porcentagens são registradas quando o antecedente é um elemento –animado, +específico.

A ocorrência de antecedentes retomados por pronomes plenos foi registrada num percentual baixo (3,5% do total), sendo que a metade desses casos retomou antecedentes +animados e a outra metade, -animados. A autora chama a atenção para o fato de referentes -animados, +específicos estarem sendo retomados pelo pronome lexical visto que, de acordo com as análises de Cyrino & Lopes (2004) essa retomada não seria esperada. Casagrande sugere que o pronome *e/le* no PB seria um pronome fraco que vem ocupar a posição do clítico acusativo.

Apesar dos resultados aparentemente contraditórios, Casagrande conclui que:

- os dados de produção analisados sustentam a hipótese de que os traços semânticos do antecedente estão guiando a aquisição da linguagem no que tange ao preenchimento da posição de OD anafórico;
- o ON inicial é essencialmente dêitico, mudando seu estatuto com a entrada do pronome lexical.

Essas conclusões podem resultar problemáticas já que os resultados apresentados pela autora não parecem suficientemente robustos. Nos dados por ela analisados são relatadas ocorrências de pronomes lexicais retomando referentes –animados e +específicos. Esse resultado indicaria que, pelo menos *animacidade*, não seria uma propriedade semântica relevante para a criança no que concerne ao preenchimento do OD pronominal.

## 5.2.2

### Pronomes resumptivos no PB

Grolla (2005) explora a emergência de pronomes resumptivos na produção durante a aquisição dos PB como língua materna. A autora coloca como hipótese para a sua análise o fato de pronomes resumptivos serem uma estratégia de último recurso (*Last Resort*). Conforme essa hipótese, os pronomes resumptivos que aparecem em dependências-A' não se encontram em livre alternância com a operação de movimento. Esses pronomes são utilizados apenas para salvar derivações que de outro jeito seriam agramaticais. Logo, são um fenômeno de *performance*.

Grolla salienta o fato de que as línguas naturais variam quanto ao nível de uso de pronomes resumptivos em dependências-A'. No inglês, por exemplo, esses elementos são normalmente impossíveis, utilizados somente em contextos de ilhas:

(58)

a. \*This is the boy that Mary loves him.

[Este é o menino que a Maria ama ele]

b. The book that I wondered whether I would get it in the mail

[O livro que eu me perguntei se eu pegaria ele no correio]

Já línguas como o hebraico, admitem um uso bastante livre desses pronomes que podem aparecer em várias posições sintáticas, sem necessidade de existência de ilhas para licenciar essa inserção. Analisando o comportamento do PB em comparação ao hebraico e árabe por um lado, e o inglês por outro, o PB estaria mais próximo dos primeiros, sendo que, nessa língua pronomes resumptivos podem ser encontrados em várias posições sintáticas. A distribuição desses elementos nas posições oblíquas e de objeto direto é descrita como segue:

(i) Estruturas onde os pronomes resumptivos aparecem como complementos preposicionais:

(59)

a. A menina<sub>i</sub> que eu falei com **ela**<sub>i</sub> ontem

b. Que menina<sub>i</sub> que você falou com **ela**<sub>i</sub> ontem?

c. Esse livro<sub>i</sub>, a Maria disse que o João gostou muito **dele**<sub>i</sub>.

Nessas sentenças, não é permitido que o pronome seja substituído por uma lacuna.

(60)

a. \*A menina<sub>i</sub> que eu falei com \_\_\_<sub>i</sub> ontem

b. \*Que menina<sub>i</sub> que você falou com \_\_\_<sub>i</sub> ontem?

c. \* Esse livro<sub>i</sub>, a Maria disse que ela gostou muito de \_\_\_<sub>i</sub>.

A estratégia de *preposition stranding* não é permitida no PB, assim pronomes resumptivos são usados para evitar construções que seriam agramaticais de outra maneira. Deixar uma lacuna correspondente ao PP complemento também é admitido.

(61)

- a. A menina<sub>i</sub> que eu falei \_\_\_<sub>i</sub> ontem
- b. Que menina<sub>i</sub> que você falou \_\_\_<sub>i</sub> ontem?
- c. Esse livro<sub>i</sub>, a Maria disse que o João gostou muito \_\_\_<sub>i</sub>.

Essa lacuna corresponde a um pronome nulo com propriedades especiais. Ferreira (2000) trata tal categoria vazia como um pronome defectivo sem caso. É importante salientar que esta categoria vazia não alterna com um pronome resumptivo aberto.

(ii) Estruturas com pronomes resumptivos em posição de OD:

(62)

- a. A menina<sub>i</sub> que eu vi ela<sub>i</sub> ontem na festa
- b. Que menina<sub>i</sub> que você viu ela<sub>i</sub> ontem na festa?
- c. Esse professor<sub>i</sub>, eu já vi ele<sub>i</sub> na biblioteca várias vezes.

Nesses casos, uma lacuna também é possível. Embora possa parecer que lacunas e pronomes resumptivos variam livremente na posição de OD –fato que invalidaria a hipótese do resumptivo como último recurso–, a autora considera que a lacuna presente nesses casos não corresponde a um vestígio deixado por movimento. Ela pode aparecer dentro de ilhas, o que comprova que não houve movimento.

(63)

- a. Esse livro<sub>i</sub>, eu conheço [uma menina que já leu \_\_\_<sub>i</sub> dez vezes].
- b. Esse livro<sub>i</sub>, eu conheço [uma menina que já leu **ele**<sub>i</sub> dez vezes].
- c. Que livro<sub>i</sub> que você conhece [a menina que já leu \_\_\_<sub>i</sub> dez vezes]?

Com base nessa evidência, a autora considera as lacunas em posição de OD como correspondentes a pronomes resumptivos nulos, *pro*. Levando em conta esses fatos, Grolla salienta que a aparente variação livre entre lacunas e resumptivos não é uma variação entre movimento/inserção do pronome, mas uma variação entre pronome resumptivo nulo/pronome resumptivo lexical.

(iii) Pronomes resumptivos em posição de sujeito:

(64)

- a. A Maria assistiu o filme<sub>i</sub> que a crítica disse que \_\_\_<sub>i</sub> é muito violento.
- b. A Maria assistiu o filme<sub>i</sub> que a crítica disse que **ele**<sub>i</sub> é muito violento.
- c. \*Esse menino<sub>i</sub>, a Maria não conhece [as cidades que \_\_\_<sub>i</sub> visitou].
- d. Esse menino<sub>i</sub>, a Maria não conhece [as cidades que **ele**<sub>i</sub> visitou].

Segundo esses exemplos, uma lacuna na posição de sujeito será permitida só quando não estiver dentro de uma ilha.

Grolla considera que no caso de que a hipótese dos pronomes resumptivos como estratégia de último recurso estiver correta, poderia ser previsto um padrão na aquisição desses elementos. Dado que nem todas as línguas fazem uso desses elementos, uma primeira tarefa da criança deveria ser verificar se sua língua permite ou não esse uso. Durante esse período inicial a criança não produziria resumptivos e estruturas contendo dependências-A' seriam produzidas via aplicação de movimento.

(65)

Esse menino<sub>i</sub>, eu vi **t**<sub>i</sub>.

Segundo a autora, numa segunda fase a criança precisa distinguir que a língua apresenta pronomes resumptivos nulos e plenos. No caso da aquisição dos resumptivos abertos, esta depende da sua identificação no *input*. Já no caso dos resumptivos nulos, a aquisição depende da análise de algumas estruturas. Em consequência, a previsão de Grolla é que a aquisição dos resumptivos abertos precede a dos nulos.

No primeiro estágio de aquisição de resumptivos no PB, a criança usará a estratégia de movimento para gerar dependências-A' com lacunas. Nesse momento, as únicas estruturas que podem ser analisadas pela criança como não violando o princípio de último recurso são sentenças onde a operação de movimento não é possível. Já no segundo estágio, quando a criança conseguiu localizar os pronomes no *input*, ela produzirá apenas estruturas em que o resumptivo aparece em posições a partir das quais movimento é ilícito, como complementos preposicionais e posições dentro de ilhas. O último estágio envolve a aquisição dos resumptivos nulos. Quando a criança adquirir *pro*, as lacunas na posição de objeto direto corresponderão a um pronome nulo e a estratégia de movimento não precisará mais ser empregada.

Dados de aquisição de uma criança entre os 2;0 e os 4;0 são consistentes com as previsões da autora. Dos 2;0 aos 2;10 a criança não faz uso de resumptivos. Entre os 2;11 e os 3;4 apenas resumptivos como objeto de preposições são registrados. A partir dos 3;5 é delimitado o terceiro estágio pela autora.

### 5.2.3

#### **Aquisição dos reflexivos no PB**

Na sua pesquisa sobre a aquisição dos clíticos reflexivos no PB, Andrade (1997) registrou que crianças falantes de PB com até 8 anos de idade e que dominam com certa maestria o sistema pronominal da gramática adulta da sua língua, não demonstram tal domínio em relação aos reflexivos. A autora observa a utilização da forma *se* (chamada nesse trabalho de *arquireflexivo*) para todas as pessoas do discurso. A partir da observação desse comportamento, Andrade levanta a hipótese de que a criança não veria o reflexivo como pertencente ao sistema de clíticos da língua durante um período que se estende até os 8 anos. É levantada a hipótese de que a criança custa a integrar o reflexivo ao quadro de clíticos da língua e daí a dificuldade para estabelecer a concordância de pessoa e número entre o clítico reflexivo e o sujeito da sentença. Os resultados dos experimentos, contudo, demonstraram que as crianças compreendem os reflexivos embora não os empreguem segundo o padrão adulto. Tanto dados longitudinais quanto experimentais sustentam a idéia de que a criança compreende o reflexivo sendo capaz de estabelecer a referência antes de o empregar segundo o padrão

adulto. Para produzir o reflexivo a criança no PB utiliza-se da forma que a autora denomina *arquireflexiva*, adotada como um item lexical que expressa reflexividade.

### 5.3

#### Aquisição de complementos pronominais no ES

Como já foi informado, a maior parte da pesquisa em aquisição de complementos pronominais no ES concentra-se no estudo de dados longitudinais de produção. Apenas duas pesquisas fazem uso de numa metodologia experimental embora também tenham como foco a produção das crianças, nesse caso por meio de tarefas de produção eliciada. A emergência dos clíticos (ordem de aparição desses elementos nos dados, omissão, colocação, duplicação dos mesmos, entre outros) é basicamente o único tópico pesquisado na bibliografia.

##### 5.3.1

#### Produção de clíticos pronominais na aquisição de EE

Domínguez (2003) visa a pesquisar a emergência dos clíticos pronominais na produção a partir da análise dos dados<sup>29</sup> coletados entre os 1;07 e os 2;05 anos de vida de uma criança adquirindo EE. A autora toma como base para a sua análise uma série de considerações sobre a natureza específica dos clíticos pronominais no ES. Domínguez assume que há pelo menos dois grupos de clíticos com características morfossintáticas diferentes que seriam relevantes em um estudo da aquisição: clíticos relacionados ao sujeito (*subject-related clitics*) e clíticos relacionados ao objeto (*object-related clitic*). A respeito dessa separação são colocadas as seguintes questões:

(i) Por contraste com os clíticos relativos a objetos, os que remetem ao sujeito estão coindexados com o sujeito (nulo ou pleno), mas não com o objeto:

(66)

a. *pro<sub>i</sub> me<sub>i</sub> gustó mucho.*

“Gostei muito”

<sup>29</sup> Os dados utilizados provêm da base de dados CHILDES.

CHILDES (Child Language Data Exchange System) é uma base de dados de aquisição de mais de 20 línguas criada em 1984. O sistema CHILDES fornece um software (MacWhinney 1987), que permite a quantificação da frequência de aparição de elementos previamente definidos.

b. \*Ana **se**<sub>i</sub> encontró el libro<sub>i</sub>.

“Ana encontrou o livro”.

(i) Os clíticos relacionados ao sujeito apresentam um conjunto de traços reduzido em comparação com os referidos a objetos; uma parte desses clíticos de sujeito são referencialmente ambíguos, alguns não estão marcados em número e nenhum deles tem traço de gênero.

(67)

a. El hombre **se** encontró una bola.

“O homem achou uma pelota”.

a. Las mujeres **se** encontraron una bolsa.

“As mulheres acharam uma bola”

(i) Há certos contextos nos quais o clítico relacionado ao sujeito, diferentemente do relativo ao objeto, não pode ser omitido nem substituído por um DP.

(68)

a. \*(me) caí.

“Eu caí”.

b. **La** compré.

“A comprei”.

c. Compré **la carpeta**.

“Comprei a pasta”.

(iv) As formas *me* e *te* podem funcionar relacionados tanto ao sujeito quanto ao objeto.

(69)

a. *pro*<sub>i</sub> **Me**<sub>i</sub> aprendi la lección.

“Aprendi a lição”.

b. ¿**Me**<sub>i</sub> compras los libros **pro**<sub>i</sub>?

“Compra os livros para mim?”.

De acordo com as observações anteriores, Domínguez (2003) estabelece uma segunda divisão entre os clíticos: reflexivos (*me, te, se*) tanto relativos a sujeito quando a objeto e não-reflexivos (*la, lo, le...*). Sintetizando, a autora classifica os clíticos do ES em quatro grupos:

- relativos a sujeito \ relativos a objeto;
- reflexivos \ não-reflexivos.

Esses grupos apresentam diferenças na especificação de seus traços: os clíticos reflexivos têm apenas traço de pessoa e unicamente a primeira pessoa do plural (*nos*) tem traço de número. Os não-reflexivos por sua vez, podem carregar até quatro traços diferentes (gênero, número, pessoa e caso).

Com base nessas distinções, Domínguez realiza a sua análise dos dados e conclui que haveria estágios de desenvolvimento diferenciados para a aquisição dos clíticos no EE. Esses estágios podem ser sintetizados da seguinte forma:

- (i) A aquisição dos clíticos reflexivos parece ser anterior à dos clíticos não-reflexivos;
- (ii) Ao longo do processo de aquisição dos clíticos não-reflexivos a criança enfrenta certos problemas: utilização da forma *default* (*lo*) em contextos nos quais outros clíticos deveriam ser usados e duplicação de clíticos em contextos não aceitos pela gramática do adulto<sup>30</sup>.

Os resultados apontados por Domínguez (2003) para o EE contrastam com as evidências apresentadas por Andrade (1997) para o PB (cf. o item 5.2.3 deste capítulo). Já nos dados do ES analisados por Domínguez, são registradas as seguintes ocorrências na fala de uma criança com 2;1:

(70)

a. *pro*<sub>i</sub> **Te**<sub>i</sub> vas a caer.

“Você vai cair”.

<sup>30</sup> Dominguez (2003) aponta como agramaticais alguns casos de duplicação do clítico que seriam possíveis no ER. Contudo, esses casos não são aceitos no EE.

- b. Yo; **me**, siento como, como tú.  
 “Eu me sento como, como você”.
- c. **Se** cae llaeta (galleta).  
 “Caiu o biscoito”

Aguado Orea (2000) também analisa as ocorrências de clíticos nos dados de duas crianças adquirindo EE. As primeiras são reportadas por volta de 1;10. O autor reporta um estágio de aquisição intermediário caracterizado por altas taxas de *fillers* no local no qual é esperado o clítico. Porém, o que ele chama de *preenchedores* pode ser considerado como formas dos clíticos não-fonologicamente-*standard*; isto é, formas foneticamente reduzidas do tipo *e por se*.

Aguado Orea argumenta que as crianças começam utilizando a ênclise com os imperativos, depois passam para a próclise e voltam mais uma vez para a ênclise. Os reflexivos são as formas mais utilizadas (esses dados são compatíveis com o informado por Domínguez, 2003), seguidos pelas formas acusativas. Os dativos são utilizados em menor medida. Contudo, a maior taxa de erro é registrada com as formas acusativas. Segundo Aguado Orea, a função do clítico pronominal é o fator determinante para a ordem de aquisição.

Stiasny (2006) fornece um estudo detalhado da aquisição dos clíticos no EE com base numa análise de dados longitudinais de três crianças (provenientes do CHILDES). A autora informa que as primeiras ocorrências de clíticos surgem perto do 1;8 de vida e que por volta dos 2;1 anos de idade a criança alcança um domínio equivalente ao adulto –*Mastery Level*–, pelo menos no que concerne à produção desses elementos.

### 5.3.2

#### Omissão de objetos na aquisição do EE

Fujino e Sano (2000) investigam os dados da fala espontânea de três crianças adquirindo o EE na faixa compreendida entre o 1;7 e os 2;10. Os dados utilizados também provêm do CHILDES. Especificamente, é analisado o uso de clíticos e DPs e a sua omissão na posição de objeto. Os autores reportam uma alta percentagem de omissão (objetos nulos) nos dados de duas das crianças (39-96%) e a taxa de omissão decresce com a idade e com a emergência dos clíticos. É informado ainda

que as primeiras ocorrências de clíticos se produzem aos 1;7 numa das crianças, aos 2;0 na segunda e apenas aos 3,9 na terceira.

### 5.3.3

#### Aquisição de clíticos no ES: estudos experimentais

Uma das poucas pesquisas registradas na literatura que utilizam metodologia experimental é apresentada por Eisenchlas (2003). Com base numa tarefa de produção eliciada, com vista a repetição, por parte da criança, do estímulo lingüístico apresentado, a autora visa a pesquisar o conhecimento relativo a pronomes clíticos por crianças falantes de ER entre os 3;0 e os 6;4 anos de idade. Mais especificamente, buscou-se examinar se as crianças produzem erros que possam sugerir uma descontinuidade entre a gramática da criança e a do adulto. Nesse sentido, foram consideradas tanto as respostas obtidas durante tarefas experimentais de produção eliciada quanto dados da fala espontânea. Os resultados apresentados indicam que, já na primeira idade testada, as crianças demonstram “competência gramatical” para a localização dos clíticos e não produzem certos possíveis erros previstos.

Participou do experimento um total de 71 crianças, todas falantes nativas de ER. Os participantes foram divididos em sete grupos de acordo com a sua idade (3;0-3;6, 3;7-4;0, 4;1-4;6, 4;7-5;0, 5;2-5;6, 5;7-6;0, 6;1-6;4). Em cinco desses grupos houve 11 participantes enquanto que nos dois grupos restantes foram 10. O sexo dos participantes também foi controlado.

Os estímulos experimentais consistiram de sentenças simples, as quais incluíram um verbo modal seguido de um DP (clítico) objeto direto ou indireto. Duas variáveis foram manipuladas: tipo de clítico (OD, OI) e posição do DP (pré-verbal ou pós-verbal). Essas variáveis foram cruzadas dando como resultado quatro condições:

- OD pré-verbal. Ex. *La linda sirenita **la** quiere invitar esta noche;*  
“A linda pequena sereia **a** quer convidar hoje a noite”.
- OI pré-verbal. Ex. *Aladín **le** puede contar un secreto esta tarde;*  
“Aladín **lhe** pode contar um segredo hoje a noite”.
- OD pós-verbal. Ex. *Después de jugar Mickey puede **verlo** en el parque;*  
“Depois de brincar Mickey pode vê-**lo** no parque”.
- OI pós-verbal. Ex. *Por la tarde Aladín quiere **darme** un caramelo;*

“Pela tarde Aladín quer dar **me** uma bala”.

Uma terceira variável manipulada foi a idade dos participantes. O design final foi o seguinte: Posição (2) X Tipo (2) X Idade (7).

Foram apresentados dois estímulos para cada tipo de sentença, sendo testadas um total de 8 sentenças. Todos as sentenças-estímulo tinham um comprimento de 8-9 palavras.

Foram observados efeitos significativos nas variáveis posição e idade, mas não houve nenhum efeito para o tipo de clítico. Foram registradas 42% de respostas “inapropriadas”. Desse total de respostas, 73% estavam diretamente vinculadas ao pronome clítico na sentença, incluindo: re-colocação do clítico, principalmente da posição pós-verbal para a pré-verbal (46%), omissão do clítico (16%), mudança nos traços-φ (7%) e cópia do clítico (4%).

Exemplos dos diferentes tipos de erros registrados são fornecidos e comentados pela autora:

- **Re-colocação** (movimento) do clítico: 46% dos erros registrados foram dessa natureza. Estudos naturalistas parecem indicar uma preferência pela posição pré-verbal nas crianças falantes de espanhol (González, 1978; López Ornat et al.1994, In: Eisenchlas, 2003).

(71)

a. Estímulo: *La princesa Jasmín **lo** puede ver esta noche.*

Resposta: *La princesa Jasmín puede ver**lo** esta noche* (5;1).

b. Estímulo: *Por la noche la sirenita puede cantarme una canción.*

Resposta: *Por la noche la sirenita **me** puede cantar una canción* (3;0).

- **Omissão do clítico**: representam 16% dos erros registrados. Desse total, 65% das respostas foram registradas nos dois grupos de crianças mais novas. Não houve diferenças significativas de acordo com o tipo de clítico (i.e. As crianças omitiram tanto OI quanto OD). Não obstante, houve sim diferenças com relação à posição do clítico: clíticos pós-verbais representaram 60% do total omitido. Esses dados parecem ser compatíveis com a idéia de que as crianças não tratam as duas posições como sendo equivalentes.

(72)

a. Estímulo: *La linda sirenita **la** quiere invitar esta noche.*

Resposta: \* *La linda sirenita Ø quiere invitar esta noche* (3;6).

b. Estímulo: *Por la tarde Aladín quiere dar~~me~~ un caramelo.*

Resposta: *Por la tarde Aladín quiere dar Ø un caramelo* (3;0).

É importante salientar que o tipo de clítico omitido produz diferenças na gramaticalidade da sentença. Enquanto que a omissão do OD deriva sempre em resultados agramaticais, a omissão de OI gera sentenças consideradas gramaticais.

- **Copiado** (duplicação) do clítico: um clítico extra é inserido em posição pré-verbal, levando como resultado à duplicação do clítico por uma cópia redundante.

(73)

Estímulo: *Después de comer Donald quiere **invitarla** a su casa.*

Resposta: \**Después de comer Donald **la** quiere **invitarla** a su casa* (3;6).

Esse tipo de resposta é analisada pela autora como sendo um fenômeno de “cópia-sem-apagamento”.

- **Mudança nos traços-φ**: foram registradas alterações nos traços de pessoa, gênero e Caso. Não houve mudanças no que diz respeito ao traço de número. No artigo não são apresentados exemplos para esse tipo de erro. Não houve nenhuma substituição do clítico por pronomes fortes e também não se registraram ocorrências de clíticos mantidos na posição canônica de objeto (fenômeno freqüente em dados de interlíngua).

Wexler et. al. (2002) também visam a pesquisar a aquisição de clíticos no ES com base numa abordagem experimental. Num estudo contrastivo sobre a omissão de clíticos em estruturas participiais<sup>31</sup> durante tarefas de produção eliciada com crianças falantes de Catalão e EE (com entre 2;0 e 5;0), observam-se os seguintes comportamentos:

- Crianças falantes de Catalão omitem os clíticos com maior freqüência do que as crianças falantes de EE.

<sup>31</sup> No Catalão, diferentemente do ES, há a possibilidade de concordância opcional do participio com o clítico OD no tempo do perfeito. Exemplos:

Catalão: *La Marta **les** ha trobades| trobat.*

Espanhol: *Marta **las** ha encontrado|\*encontradas.*

“Marta as têm achado”.

- As crianças falantes de EE virtualmente não produziram formas não-alvo durante as tarefas de produção.
- Crianças falantes de EE de 2;0 (a idade inferior estudada) já produzem os clíticos obrigatórios nas estruturas pesquisadas.

## 5.4

### Discussão das questões levantadas na literatura

O levantamento bibliográfico realizado revela lacunas importantes. Com poucas exceções, a literatura sobre aquisição de complementos pronominais no ES se baseia em dados da produção espontânea e várias dessas pesquisas utilizam dados provenientes do CHILDES. Por outro lado, em todos os casos os *corpora* são constituídos por um número muito pequeno de crianças (três no máximo). Em muitos casos essas análises limitam-se apenas a estabelecer estágios ou etapas para a aquisição dos clíticos; isto é, trata-se de pesquisas predominantemente descritivas. Não obstante, ainda com base nesse tipo de abordagem os próprios dados não são conclusivos. Fujino & Sano (2000), por exemplo, reportam a omissão do objeto pronominal num percentual significativamente alto (39-96%). Essa afirmação não é compatível com o informado por Stiasny (2006) também com base em dados longitudinais, nem com o reportado por Wexler et al (2002) a partir de resultados experimentais.

No que concerne ao PB, as pesquisas resenhadas levantam outros tópicos relacionados. Tem sido observado que pistas semânticas poderiam orientar a aquisição dos complementos pronominais, mas ao mesmo tempo, são apresentados dados que permitem questionar essa hipótese ou, pelo menos, fazem com que esta precise ser revisada.

## 5.5

### Síntese

Dentre os dados levantados pela literatura destacam-se os seguintes:

- No PB propriedades semânticas como animacidade e especificidade, parecem ser utilizadas pela criança como pistas durante a aquisição dos complementos pronominais anafóricos (Cyrino & Lopes, 2004; Casagrande, 2006, dentre outros)
- A curva de desenvolvimento no uso de clíticos (acusativos e dativos) na produção por crianças falantes de ES parece se estabilizar por volta dos 4;0 anos

de idade (Eisenclas, 2003). Contudo, há quem considere que é possível, e até necessário, estabelecer estágios na aquisição dos pronomes clíticos (Domínguez, 2003).

- Segundo dados de coleta longitudinal, a aquisição dos clíticos reflexivos no ES, diferentemente do PB, parece ser anterior à dos clíticos não-reflexivos (Domínguez, 2003; Aguado Orea, 2003).

- Dados longitudinais do ES indicam que ao longo do processo de aquisição dos clíticos não-reflexivos a criança enfrenta certos problemas: utilização da forma *default* (*lo*) em contextos nos quais outros clíticos deveriam ser usados (Domínguez, 2003).

- São levantados efeitos significativos para posição (pré ou pós-verbal) do clítico, como variável manipulada em tarefas de produção eliciada. Registra-se uma preferência pela posição pré-verbal. Clíticos pré-verbais parecem ser de mais fácil processamento para as crianças que os pós-verbais (Eisenclas, 2003).

- Também é registrada uma marcada preferência pela próclise em dados de coleta longitudinal (Aguado Orea, 2000; Stiasny, 2006; entre outros).

- Não são registradas diferenças de processamento em tarefas de produção eliciada no que concerne à função sintática dos clíticos acusativos e dativos (Eisenclas, 2003). Já em um trabalho que analisa dados da fala espontânea, Domínguez (2003) levanta diferenças importantes com relação à distinção entre clíticos relacionados ao sujeito (*subject-related clitics*) e clíticos relacionados ao objeto (*object-related clitic*).

- No ES não são registradas instâncias de substituição de clíticos por pronomes fortes durante tarefas de produção eliciada. Nesse tipo de experimento também não são levantadas respostas nas quais o clítico fique na posição canônica de objeto (Eisenclas, 2003).

- Domínguez (2003) sugere que a interpretação dos traços referenciais nos clíticos relativos a objetos seria opcional durante os primeiros estágios da aquisição.

Com base na literatura disponível, as semelhanças/diferenças entre aquisição de pronominais acusativos em PB e ES parecem apontar na direção já observada por nós em capítulos anteriores (cf. capítulo 3). No PB a criança levaria especialmente em conta informação proveniente de LF. Em ER, os clíticos apresentam propriedades fônicas informativas quanto à distribuição (posição), ao

tipo de elementos que podem hospedá-los (formas finitas e não) e à possibilidade de movimento para posições mais altas na árvore sintática (*clitic climbing*).